

repertório da

SOCIEDADE DE
ESCRITORES E
COMPOSITORES
TEATRAIS
PORTUGUESES

seção

UM DIA DE VIDA

Costa Ferreira



REPERTÓRIO DA SOCIEDADE DE ESCRITORES
E COMPOSITORES TEATRAIS PORTUGUESES

UM DIA DE VIDA

PEÇA EM 2 PARTES E 16 QUADROS

ORIGINAL DE

COSTA FERREIRA

U. Moniz 1882



LISBOA — 1969

Esta peça foi representada pela primeira vez pela companhia de Teatro Nacional Popular no Teatro da Trindade, em Janeiro de 1958, sob a direcção de Francisco Ribeiro, com a seguinte distribuição:

Mariana Rey Monteiro *Alves da Costa*
Maria — Maria Lalande; João — Fernando Gusmão;
Zé — Rui de Carvalho; Sr. Freitas — Francisco Ribeiro;
D. Celeste — Josefina Silva; Sr. Doutor — Carlos Wal-
lenstein; Chico — Canto e Castro; A Menina da Taba-
caria — Maria José; Um Patrão — Luís Campos; A Em-
pregada — Lili Neves; A Cliente elegante — Lígia
Teles; A Cliente nervosa — Isabel de Castro; O Cliente
importante — Joaquim Rosa; O Cobrador — Armando
Cortez; O Criado — Fernando Muralha; O Rapaz —
Benvindo Polónio.

Em 1962, Augusto Fraga realizou um filme segundo argumento extraído desta peça por Fernando Fragoso com Mariana Rey Monteiro, Alves da Costa e Mário Pereira nos principais papéis.

Em Agosto de 1966 e Março de 1967 foi reposta no Teatro Municipal da Estufa Fria pela companhia dirigida por Augusto de Figueiredo com este artista, Madalena Sotto e António Machado nos principais papéis.

PERSONAGENS

Maria — 30 anos, magra, tímida, nervosa. Teve uma infância dura difícil, inquieta. A segurança é hoje para ela tão preciosa como a própria vida. As suas explosões de nervos que podem à primeira vista parecer exageradas, justificam-se por trazerem consigo todos os recalcamientos e todos os terrores passados. No fundo é afectiva e simples e seria uma burguesa calmissima, se a vida tivesse sido para ela calma e burguesa. *Maria Lalande / Maria San Raymonte*

João — 50 anos, temperamento sanguíneo, bondoso, naturalmente alegre e optimista. Teve uma infância mimada, feliz, gozou naturalmente a mocidade e portanto a felicidade é para ele um dever como uma questão de honra. *F. Gasmão / Alves da Costa*

Sr. Freitas — A roda dos 50 anos, sem família, naturalmente amargo, bilioso e pessimista. *Ribeiro / Luis Frilhe*

Zé — 22 anos, grande temperamento musical, ambicioso e indefinido por uma educação com que nunca se conformou. *Rui de Carvalho / Manoel*

Chico — 20 anos. Um pouco pedante com fumaças intellectuais, no fundo frívolo e mimado. *Carlo e Costio*

D. Celeste — 40 anos. Baixa burguesia que imita a alta burguesia. Como não se sente comodamente em nenhuma classe, classifica tudo. *Prof. Libero / do Sr. M. Mendes*

A menina da tabacaria — 25 anos, magra e de óculos.

Maria José / Carmen Mendes

O criado do café — 40 anos cheios de uma sabedoria feita de experiência.

Sr. Doutor — 50 anos elegantes de advogado célebre e rico.

A cliente elegante — 30 anos, janota, brilhante, origem duvidosa mas um à vontade e uma segurança impressionantes.

A cliente nervosa — 40 anos, pequenas manifestações de histeria.

A empregada do escritório — 21 anos bonitos e conscientes.

O cliente importante — 60 anos autoritários.

O empregado da drogaria — 18 anos com grande experiência da vida.

O homem do guichet — 30 anos.

Um patrão qualquer — 50 anos.

Um cobrador — 40 anos.

Um Rapaz

Benvenuto Polónio / Carlos Fernando

Acção: — Lisboa, actualidade.

PRIMEIRA PARTE

1.º QUADRO

Pequena sala burguesa de gente que há 40 anos tem um orçamento apertado. A esquerda porta para o quarto de Maria e ao fundo porta para o corredor, no principio do qual há a porta para a casa de banho, à direita fundo em «pan coupé» janela por onde entra a luz duvidosa das oito horas de uma manhã chuvosa de inverno. À direita baixa porta para a escada. Arranjo impecável.

(Ao subir o pano não está ninguém em cena. Apenas se ouve a chuva bater nos vidros da janela. Ouvem-se as oito horas num pequeno relógio de sala. Instantes depois em bicos de pés entra pela esquerda João; vem de pijama e chinelos como quem acaba de sair da cama, traz no braço tudo que é preciso para se vestir e pendurado das mãos um par de sapatos. Fecha cautelosamente a porta da esquerda como quem receia acordar alguém. Sempre em bicos de pés vai ao fundo, tenta abrir a porta da casa de banho que está fechada.)

JOÃO. — *(Voz abafada)* Demoras muito, Zé?

ZÉ. — *(De dentro)* Estou a acabar de fazer a barba, é um instante.

JOÃO. — Não te demores que eu preciso de sair cedo.

ZÉ. — Está bem.

(João toma cena, pousa a roupa nas costas de uma cadeira. Visivelmente cansado esfrega os olhos, procura no bolso do casaco um maço de cigarros que tem apenas um cigarro, parte-o ao meio, acende metade e guarda cuidadosamente a outra metade. Senta-se numa poltrona, abandona-se, como que vai adormecer, respira fundo e levanta-se numa reacção. Volta à porta da casa de banho.)

JOÃO. — Então, não?

ZÉ. — *(Mal humorado)* Pronto! Pronto!

JOÃO. — É que eu tenho pressa.

(Zé sai da casa de banho de pijama mas já lavado e penteado.)

ZÉ. — Está o caminho livre.

JOÃO. — Obrigado.

ZÉ. — Mas não saias sem falar comigo, pai.

JOÃO. — O que é?

ZÉ. — Eu preciso de dinheiro.

(João desaparece na casa de banho e fecha a porta sem uma palavra.)

ZÉ. — Ouviste?... Pois sim. *(Sentando-se na poltrona)* Hoje não me escapas. *(Instantes de silêncio em que só se ouve o ruído da chuva. Zé levanta-se e vai pôr um disco na grafonola, a canção negra do «Water boy», baixo. A porta da casa de banho abre-se e João aparece de cara ensaboada, camisola e pincel de barba na mão).*

JOÃO. — Pára com isso que acordas a Maria.

ZÉ. — Eu preciso que ela acorde para me dar o café.

JOÃO. — Egoísta! Vai tu tratar dele.

ZÉ. — Na cozinha só há um pão duro.

JOÃO. — Então vai tomar o café fora, mas pára com a grafonola.

ZÉ. — ~~E~~ dinheiro...? *(João entrou outra vez para a casa de banho. Zé pára a grafonola e encosta-se à janela a ver chover, daí a instantes diz entre dentes)* Que chatice! *(Tem um arrepio, vai ao correio e traz do cabide uma gabardine que põe pelos ombros. Muito baixo volta a pôr a grafonola a funcionar. Acende um cigarro, tosse. Resmungando.)* Pois claro, a fumar em jejum. *(Bate à porta da casa de banho. Ninguém responde.)* Pai!... Oh Pai, se me desses já o dinheiro eu parava a grafonola, ia tomar o café fora e não acordava a Maria.

JOÃO. — *(Dentro)* O que fizeste ao dinheiro que te dei a semana passada?

ZÉ. — Gastei-o, como é natural, e já depois disso a Maria me deu algum.

JOÃO. — *(Dentro)* Já te proibi de pedires dinheiro à Maria.

ZÉ. — Eu não lho pedi, ela é que percebeu que eu estava teso e deu-mo. *(Pausa)* Não respondes, pai!

JOÃO. — Espera aí um bocadinho e não faças barulho.

ZÉ. — Então está bem. *(Pára o disco)* Parece que desta vez vai. *(Volta a sentar-se. Instantes depois João aparece já calçado e de calças a enfiar a camisa.)*

JOÃO. — Eu estou farto de te dizer que enquanto eu não fechar o negócio da tabacaria é preciso fazermos economias.

ZÉ. — Eu quase só gasto em tabaco.

JOÃO. — E contratos?

ZÉ. — Eu, o Chico Lopes, o Manel, o Quim e a Rosa estamos a ver se fazemos um quinteto para tocar no Rádio União.

JOÃO. — (*Pondo a gravata*) Ainda bem. É preciso trabalhar.

ZÉ. — (*Numa revolta que domina*) A quem o dizes.

JOÃO. — Porque *me* calas nesse tom? (*Pausa*)

ZÉ. — (*Disfarçando*) Por nada.

JOÃO. — Todas as manhãs me vês sair para a rua a tratar da vida.

ZÉ. — Eu também saio todas as manhãs para a rua.

JOÃO. — Então, é preciso ter paciência.

ZÉ. — Eu tenho paciência, mas não sei fazer negócios como tu, só sei tocar.

JOÃO. — Foste para o conservatório porque quiseste, não fui eu que te aconselhei que fosses músico.

ZÉ. — (*Duro*) Devias ter-me aconselhado a que o não fosse.

JOÃO. — Mas porquê, não era isso que tu querias ser?

ZÉ. — Era, era isso... mas agora o que eu quero é dinheiro...

JOÃO. — (*Já de casaco vestido mete a mão no bolso e tira umas moedas que dá a Zé*) Toma.

ZÉ. — Moedas!...

JOÃO. — Não tenho mais trocado.

ZÉ. — Mas troca-se.

JOÃO. — É uma nota de conto, não é fácil. Logo ao almoço dou-te mais. (*Tirando-lhe a gabardine dos ombros*) Deixa cá ver a minha gabardine. Até logo.

ZÉ. — Mas, Pai...

(*João saiu pela direita.*)

ZÉ. — Bolas para isto! (*Num desespero volta a pôr a grafonola a tocar, sempre com o mesmo disco, mas desta vez bem alto. Atira-se para a poltrona de pernas estendidas. Pausa em que só se ouve a canção cortada pelas chicotadas e a chuva nos vidros. À esquerda aparece Maria abotoando um roupão, já com muito uso, mas perfeitamente limpo e correcto.*)

MARIA. — Sempre o mesmo disco!

ZÉ. — O que queres, este preto a levar chicotadas dá-me esperanças a mim que sou branco.

MARIA. — O teu pai está na casa de banho?

ZÉ. — Não, saiu.

MARIA. — (*Num sobressalto*) Saiu?!... Mas como?!

ZÉ. — (*Amargo*) Como?!... Pela porta, como todos os dias... Saiu agora mesmo.

MARIA. — (*Correndo à janela que abre*) Mas não pode ser... (*Para a rua*) João...! João!... Não me ouve... vai tu atrás dele.

ZÉ. — Não posso, estou de pijama.

MARIA. — (*À janela*) João!... É impossível que não me tenha ouvido.

ZÉ. — Fecha a janela, está frio.

MARIA. — (*Depois de fechar a janela dando uns passos lentos*) Não percebo.

ZÉ. — O que é que tu não percebes?

MARIA. — Eu ontem à noite disse-lhe que não tinha dinheiro nenhum em casa.

ZÉ. — Ai, tu também!

MARIA. — Eu também?! Que queres dizer com isso?

ZÉ. — (*Mostrando-lhe as moedas*) Olha o que eu lhe consegui arrancar.

MARIA. — Também não tens mais?!

ZÉ. — Também não.

MARIA. — Não consigo compreender!

ZÉ. — Pois é fácil. Estamos os dois sem dinheiro ao mesmo tempo, o que é a primeira vez que nos acontece.

MARIA. — Mas o teu pai sabe que eu não posso mandar vir nada das lojas sem pagar o que lá devo.

ZÉ. — (*Irónico*) Esqueceu-se, ele agora só pensa no negócio da tabacaria.

MARIA. — Zé... Eu chego a pensar que ele está sem dinheiro nenhum.

ZÉ. — (*Num riso amargo*) Como tu te enganas!

MARIA. — Que queres dizer com isso?

ZÉ. — Contos largos!... É preciso que não te esqueças de que quando o pai casou contigo, eu já tinha doze anos e não era parvo. Conheço-o melhor do que tu o conheces e o meu irmão conhecia-o tão bem que lá se safou para a África e se governou sozinho.

MARIA. — José, eu proibo-te de falares assim do teu pai. Nós somos uma madrastra e um enteado muito diferentes do que é costume, mas não ao ponto de nos ligarmos contra ele.

ZÉ. — Tu tens só mais oito anos do que eu, estás mais perto do enteado do que do marido.

MARIA. — Aí é que tu te enganas, eu gosto muito dele, estimo-o muito, devo-lhe tudo.

ZÉ. — Também eu, até lhe devo a vida que não lhe pedi.

MARIA. — Mas como podes tu estar tão revoltado contra o teu próprio pai?!

ZÊ. — Porque lhe vi levar uma nota de conto de réis na carteira e deixar-nos em casa sem dinheiro para comer.

MARIA. — (*Num grito abafado*) José! (*Pausa. Quase sem voz*) Não pode ser.

ZÊ. — Pode. Eu bem te dizia que o conheço melhor do que tu.

MARIA. — Eu não posso acreditar. Ele é tão bom.

ZÊ. — Pois é, eu e o meu irmão também o conhecemos muito bom. Internou-nos no melhor colégio, enchia-nos de presentes, as férias eram um pagode constante, até que te conheceu.

MARIA. — Mas eu nunca o afastei de vocês.

ZÊ. — Pois não. Mas durante seis meses não quis saber de nós, mal nos via, era o grande entusiasmo de casar com uma mulher que tinha menos vinte anos do que ele.

MARIA. — Cala-te... Tu não tens o direito...

ZÊ. — Eu conheço-lhe os entusiasmos, não os havia de conhecer se lhes devo a vida. Foi com um entusiasmo desses que fez com que nós nem conhecêssemos a nossa própria mãe.

MARIA. — Tu sabes muito bem que a culpa foi dela. Ele teria casado com ela se...

ZÊ. — Não vale a pena falar-se mais nisso (*Pequena pausa.*)

MARIA. — Mas tu viste mesmo a nota de conto?

ZÊ. — Não, mas foi como se a visse. A pressa que ele tinha de sair, vestiu-se a correr, mal se lavou.

MARIA. — Eu nem o senti levantar-se...

ZÊ. — Ralhou comigo para não fazer barulho, não queria de maneira nenhuma que te acordasse.

MARIA. — Saiu sem tomar o pequeno almoço.

ZÉ. — Deu-me este dinheiro para que eu o tomasse fora.

MARIA. — E no entanto eu disse-lhe... Disse-lhe bem claramente que se me não desse dinheiro hoje, nem o pão eu podia comprar.

ZÉ. — Deixou-te um pão duro na cozinha.

MARIA. — (*Quase a chorar*) Não! Isto não pode ser.

ZÉ. — É. É o egoísmo acima de tudo. Ele sempre disse que neste mundo só contou consigo. Pois claro. (*Quase com lágrimas de desespero*) E a mim deu-me um curso que não me serve para nada.

MARIA. — Não digas isso, tu podes vir a ser um grande violinista.

ZÉ. — Pois sim, mas até agora... (*Como quem se abandona*) Maria, eu não posso mais... Estou farto de sair sem dinheiro no bolso, de só me sentar a uma mesa de café quando me convidam. Tu lembras-te dele me ter obrigado a jurar que acontecesse o que acontecesse eu nunca me desfaria do violino?...

MARIA. — (*Assustada*) O violino é um instrumento de trabalho... É dinheiro para ti...

ZÉ. — Pois vai hoje para o prego como já foi o smoking.

MARIA. — (*Quase num grito*) Não, isso não!

ZÉ. — Ou tu queres que eu também passe fome?

MARIA. — (*Dura*) Cala-te, tu sabes lá o que é passar fome. (*Pela primeira vez violenta*) Eu sei, estás a ouvir? Sei. Quando a minha mãe morreu houve uma vizinha que tomou conta de mim, até que me levaram para o asilo. (*Numa revolta*) Eu não quero falar nisto.

ZÉ. — Porque falas então?

MARIA. — Porque tu me obrigas a isso. Tu sabes muito bem que foi só depois de conhecer o teu pai que eu fui feliz. A vida pareceu-me então uma história dum livro... Ele é bom, tem sido muito bom. É tudo que eu tenho tido de bom neste mundo. José, ele está sem dinheiro!

ZÉ. — Cega! Cega! Ele sempre foi assim de altos e baixos, mas nunca lhe faltou dinheiro para o que é preciso. E até para a paródia, mas antigamente era só aos domingos que jantava fora e levava-te, e agora janta fora quase todos os dias e vai sozinho.

MARIA. — Ele sai para trabalhar...

ZÉ. — (*Sarcástico*) Para fazer os seus grandes negócios...

MARIA. — Tu sabes muito bem que ele quer montar uma tabacaria com o Freitas e que anda à procura da sua parte de capital.

ZÉ. — O Freitas?! Ainda ontem o encontrei, perguntou-me pelo pai que há mais dum mês não aparece e disse-me que hoje ou amanhã passa por cá. São tudo mentiras.

MARIA. — (*Revoltada*) Cala-te! Eu não te admito que fales assim do teu pai. Ele nunca me mentiu. Prometeu-me uma vida calma e respeitável e tem-madado. (*Num crescendo de nervosismo*) Tu não percebes que sem ele eu não posso viver?

ZÉ. — Estás servida!

MARIA. — Sem ele eu volto a sentir o medo que tinha em pequena, o medo da vida... Às vezes ainda acordo de noite aos gritos, são pesadelos de que nunca consigo lembrar-me acordada, mas ele está sempre ao pé de mim, passa-me a mão pelos cabelos e eu fico sossegada e depois durmo como se nunca tivesse sofrido nada.